

Entrevista – André Lemos

23 de Abril de 2014

Por Fagner França

Apresentação

Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, doutor em sociologia pela Université René Descartes, Paris V, Sorbonne, pós-doutor pela University of Alberta e McGill University, Canadá, André Lemos é um dos mais reconhecidos e respeitados pesquisadores do Brasil e do mundo quando o assunto é cibercultura. Entre seus livros dedicados ao tema estão *Cidade Digital* (Edfuba, 2007), *Olhares sobre a cibercultura* (Sulina, 2003), do qual foi um dos organizadores, *Cultura das Redes* (Edufba, 2002) e *Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea* (Sulina, 2002, 2004, 2008), além de diversos *papers* e artigos acadêmicos. Em abril, André Lemos aceitou gentilmente colaborar com o nosso dossiê e concedeu uma entrevista, por e-mail, para a revista Inter-Legere, pela qual agradecemos. Nela, o professor fala, dentre outras coisas, sobre seu novo livro, *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura* (Annablume, 2013).

1. O senhor acaba de lançar um livro que trata sobre a Teoria do Ator-Rede. Em poucas palavras, do que trata a teoria?

A Teoria Ator-Rede (TAR) é, mais do que uma teoria ou uma metodologia, uma ontologia na qual a vida social se produz por associações entre humanos e não humanos, os quais podem, em determinados momentos, assumir o controle da ação. Há uma simetria aqui bastante interessante e muito negligenciada nos estudos dos objetos técnicos, principalmente os comunicacionais. Para uma área na qual os objetos técnicos são fundamentais, como, por exemplo, a comunicação (mas onde eles não seriam?), esta teoria pode ajudar a valorizar as relações, as materialidades, os rastros das ações que constituem o social (como associação). Nesse sentido, tudo é social e tudo é mediação, tradução de um ator em outro. Sendo mediação, a comunicação pode sair da sua visão purista, e até mesmo infantil, de tentar encontrar um domínio para chamar de seu. Não há domínios separados. Tarde dizia: “Tudo é social”. Talvez seja mais interessante dizer hoje “tudo é comunicação”, do que dizer “isto não faz parte da comunicação”. Esta é uma luta política, mas não tanto epistemológica. Bom, não há sociedade, técnica, ciência, cultura, natureza. A TAR propõe achatar esses “domínios” e valorizar as redes, aquilo que se constitui no curso de uma ação. Rede aqui não é infraestrutura, mas mediação, o que se constitui e se dissolve nas associações. Não há social sem formação de redes e

todo objeto (humano e não humano) é um ator-rede, ao mesmo tempo individualidade (?) e pluralidade. Melhor seria, como propõe Serres, falar de "quasi-sujeitos" e "quasi-objetos".

2. Quais as mudanças na técnica e na sociabilidade para que possamos falar de uma cibercultura?

Ora, é só olhar a vida que se faz ao nosso redor e veremos como os objetos digitais e em rede (o que podemos chamar de “ciber”) estão em constante e progressiva hibridização com os humanos e outros não humanos. Isso é a cultura contemporânea, ou cibercultura, se usarmos esse péssimo termo apenas para delimitar um “domínio”. É útil, mas não ajuda muito na ontologia do social. Em todas as áreas, estes objetos-rede e estes "quasi-sujeitos" (em rede) se relacionam de forma a alterar estabilizações anteriores. A internet, os telefones celulares, os *tablets* e os computadores entram em associações como hábitos, práticas, normas; por isso, há inúmeras mudanças na atual cultura – o que você está chamando de técnica – e na sociabilidade. É difícil, a não ser de forma artificial e usada para facilitar a explicação, separar estes campos. Ora, os exemplos são inúmeros: no jornalismo, nas relações intersubjetivas, no lazer, na organização das empresas, na educação, nas estruturas de governo... Difícil é achar um “domínio” que não tenha sofrido transformações com o surgimento das tecnologias digitais em rede.

3. A redução do face a face no jogo comunicacional pela internet compromete a comunicação? Como fica a dimensão da experiência nas relações mediadas por computador?

É difícil sustentar que haja diminuição do face a face no jogo comunicacional com a internet e que isto estaria comprometendo a comunicação. Bom, se entendemos comunicação como a troca entre humanos sem interferências, ela é constituída assim apenas por uma visão idealista e talvez nunca tenha existido. Se partirmos dessa visão essencialista, perdemos as redes que se formam e fechamos os olhos para o que de fato está acontecendo (para o melhor ou o pior). De uma forma geral, as comunicações pela internet reforçam não só contatos já existentes, como criam outros, reforçam o uso do espaço urbano e cria novos sentidos de lugar. O problema dessas novas práticas (associações entre humanos e não humanos) não é o isolamento e a perda da dimensão da experiência, mas justamente o contrário: a conexão permanente, a expansão dos contatos, a permanente conexão com o que já interagimos, a ampliação das experiências, um complemento do face a face. Por isso ela é tão sedutora (seduzir é desviar, e comunicar pode ser visto como esta ação de desvio com o outro humano e não humano). O problema que vejo é justamente o contrário: as pessoas têm grande dificuldade de se isolarem, de ficarem sós, de romperem a comunicação entre elas e com os objetos. O problema da internet não é comprometer a comunicação. Esta seria até uma possível solução para os problemas de relação como os objetos midiáticos (parar a conexão, se isolar,

cessar o fluxo comunicacional). Normalmente, analisa-se a internet de uma maneira equivocada, justamente por partir de essências presumíveis do que é a técnica, a comunicação e o indivíduo. Se esquecermos um pouco esta visão essencialista e olharmos para os rastros do que está efetivamente em associação (é isso que nos ensina a TAR), poderemos valorizar, agora, finalmente, a comunicação, a técnica e o jogo entre indivíduos. A visão essencialista – aparentemente crítica, mas mal formulada –, é uma forma de ocultar a técnica, a comunicação e o sujeito. Precisamos, ao contrário, reabilitá-los, trazê-los à luz para podermos falar deles e mostrar o que de fato está nos colocando à prova (a nós como indivíduos, como coletividade e como animais de um planeta). Ou seja, sem essência, olhando as redes, podemos politizá-los. Olhando as essências, escondemos, produzimos críticas ou elogios ruins, pois estamos justamente desconectados das associações (ou seja, do social).

4. De que forma as Ciências Sociais podem contribuir para o estudo da cibercultura?

Fugindo justamente da visão estruturalista, essencialista e olhando as redes que se formam, compreendendo a sociedade como o que se constitui nas associações e não como o que explica as associações. As ciências sociais podem ajudar a compreender que a técnica, a comunicação, o objeto e o sujeito se definem sempre por traduções, mediações, delegações e que o que aparentemente é uma individualidade, não passa de uma estabilização momentânea de redes em formação. Se fizermos isso, ela pode ajudar a mapear e a rastrear o que está em associação, sem *frames* explicativos, definidos *a priori* e para sempre, que cegam os analistas para os atores que estão em luta para estabilizar as suas redes. Assim, podemos enxergar potencialidades e negatividades sem que uma delas seja aplicada a todas as coisas, já que o frame constituído não olha para os atores e, sim, apenas para si mesmo. Por exemplo, a internet é emancipadora ou fruto da racionalidade técnica e militar aniquiladora de toda boa comunicação e relação social? O Twitter e o Facebook são ferramentas para a revolução política 2.0 ou apenas lugar de narcisismo e hiperindividualismo? Ora, se não pensarmos em essências, podemos afirmar que eles não são nada, que se definem (e foram em algum momento definidos – o que afirma que eles nunca são neutros) nas associações e que, em determinadas estabilizações, podem ser uma coisa ou outra. Mas, o que eles são agora, não pode ser aplicado ao futuro, definindo o que serão em todas as outras associações. Há, aqui, um princípio de irredutibilidade que nos dá mais trabalho. Temos de abolir os *frames* e olhar sempre para as redes. Assim, para a comunicação e as ciências sociais como um todo, é mais interessante descrever as relações, apontar os planos de ação que estão em voga em determinado momento e revelar o que está por trás dessa ou daquela caixa-preta. Se fizermos isso, se abandonarmos a perspectiva essencialista da técnica e da comunicação, podemos ver a rede. A busca pela essência é o motor dos erros tanto dos críticos como de fundamentalistas otimistas. As ciências (não a estruturalista durkheimiana, insiste Latour e teóricos da TAR) podem ser úteis se fizerem o que é próprio do social: olhar as associações, descrevê-las e desocultar os objetos, politizando-os.

ISSN 1982-1662

revistainter-legere

REVISTA SEMESTRAL DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - UFRN